N.º 167 (4.º)—(289)º 6.º ANNO Sabbado, 24 de Janeiro de 1914—Preço 2 cent.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal **O Zé**

DIRECTOR EDITOR
Estevão de Carvalho

SECRETARIO DA REDACÇÃO
Arlindo Boavida

Composto, Impresso e Gravado:
Nas Officinas Graphicas do Jornal O Zé
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, Rua do Poço dos Negros 81

Não vamos n'esse bote!

Entrar alli com aquelle bicho... usga-te!...

Explicação necessaria

Só hoje, sabbado, pudémos pôr em circulação o nosso jornal, devido aos nossos companheiros de trabalho terem adherido á gréve, com o que completamente concordámos.

Foi a empreza d'O Zé prejudicada, com o addiamento da sua publicaçãc, mas, a solidariedade que os nossos companheiros de trabalho demonstraram, foi de sobejo para não olharmos para esse prejuizo.

Oxalá que todos os trabalhadores assim pensassem, mas, infelizmente tal se não dá.

Explicada a razão da transferencia para hoje do nosso jornal, temos a pedir desculpa a todos os nossos leitores, da demora involuntaria.

A ACTUAL SITUAÇÃO POLITICA

Para bem da Republica e portanto do Paiz, o governo deve abandonar quanto antes as cadeiras do poder.

Fóra! Fóra! Fóra! Ha-de sahir!

E' este o grito que se ouve de todas as boccas conscientes.

O actual governo conseguiu indispôr-se com todas as classes e d'ahi o vêr-mos hoje, por toda a parte, sahir protestos contra o actual estado de coisas que é verdadeiramente insustentavel.

O commercio está por assim dizer, paralisado; a industria idem; os generos de primeira necessidade, que o chefe do governo, ainda ultimamente, no theatro da Republica, garantiu que iam baixar, estão subindo consideravelmente; as ruas estão cheias de tropa; os carceres repletos; não ha liberdade de reunião, pois que o comicio que os ferro-viarios convocaram para expôr o estado do conflicto, foi prohibido e ainda não contentes com isto, foram prender á séde do seu sindicato 2 0 grevistas; não ha liberdade de imprensa, pois o nosso collega O *Intransigente*, não póde circular.

Estamos peores que no tempo do João Franco, não ha duvida nenhuma.

Só ha um meio para o paiz poder socegar, e esse parece que o governo não está disposto a seguir: é o afastamento das cadeiras do poder d'esses homens que só teem sabido levar a indisciplina a toda a parte.

Mas custe o que custar, seja porque maneira fôr, elle ha-de sahir, quer queira, quer não, para bem da Republica e socego do Paìs.

Sai-a, se não quer com a sua inconsciente teimosia levar o paiz á guerra civil. Pisgue-se quanto antes!

O *Zé*, se sua ex.ª não quizer ir *á pata*, porá á sua disposição um coupé, que não sendo tão confortavel como o 44, é suficiente para comportar s. ex.ª com sorriso e tudo.

SALADA RUSSA

Este mundo dá cada volta! Hontem não se fallava senão no Homéro como um salvador da patria, o Messias luminôzo que viéra com o seu fulgôr desencravar uma causa, figura emfim prohe-minente da... patria historia... da caróchinha. E então o caso Homéro era o «grande caso do Homéro»! Hôje, quando ao que consta o fiasco tomou assento no alto conceito luzo batendo desenfreádamente as palmas a pedir opperetta com muzica de Offembach, já senão diz «o grande caso» mas «**o méro** caso do Homéro»! Só cá!

*

Mais 3.000 e tantos contos tem o paiz! Abençoados sejam na sua veracidade, mas, vamos d'aqui já pôr umas vellazinhas a S.ta Barbara, para que no caso de continuar o thezouro publico a encher-se tanto, tanto, de dinheiro, não comecem os tubarões a inchar tambem e tudo isto a *nadar* em felicidade!

Porque afinal o povo... *náda*.

*

Corre fama que um ministro de instrução proximo, depois do enterro civil do nosso illustre Soiza, o Autentico Soiza, será o Dr. Julio Dantas o autentico poeta da ceia dos Cardeaes e outros tantos mimos. Em vista, porém, aos seus hahitos de profundar as coisas velhas e fallar linguagem archaica estamos imaginando uma reforma completa no seu Ministerio! Quantas vezes escutaremos um continúo, que tendo lido a *Capital* deseja agradar ao Sr. Ministro, dizer:

«— Limpae vossos belegões n'esse capacho! Messir Ministro está lá riba com magister João de Barros! Por Deus da Cruz ide-vos por esse corridôr e junto d'esse janellão do fundo aguardae.—»

*

De Coimbra e de Elvas, rezam os periodicos, bateram as azas alguns mais conspiradôres. Lá que fujam está na logica das coisas, é mesmo caso quazi previsto nos tribunaes marciaes á epocha dos julgamentos, tanto que se pensa em serem mais sinceras as sentenças taes como:

«O Sr. Conde de X acuzado de crime de leza patria e comprovado conspirador contra as instituições, é condemnado a 6 annos de Penitenciaria na alternativa de 1 de prizão e fuga para fóra da fronteira!»

Mas, o peor d'estas fugas previstas e *legaes* reside no facto da despovoação do paiz pelos mesmos. Uma circular do Sr. Ministro do interior deve por estes dias ser destribuida pelas cadeias e penitenciarias onde ha presos politicos a fim de evitar certos abuzos. Reza assim:

«Pede-se a todos os senhores que desejarem evadir-se das prisões do estado que o façam de fórma a não levarem mais soldados do nosso exercito, nem serventes ou guardas dos mesmos estabelecimentos devido á falta que fazem, fineza esta, que desde já agradecemos pondo ao serviço dos illustrissimos senhores prezos o material necessario para a clandestina evasão, e os passaportes necessarios para a travessia da fronteira sem mais incomodos.»

Rodrigo Rodrigues.

*

O sr. Goulard de Medeiros desafiou o sr. Correia Barreto que pacatissimamente estava inventando a polvora sem cheiro. Os senadores democraticos deitaram sortes para ver qual se havia *de bater com um valiente!*

No dia da escolha no largo de S. Domingos não se ouvia senão: *Cára ou corôa?*

*

Veem as eleições e todos dizem: O governo cae. O governo é interpelado e diz-se: O governo cae. Vem o caso de S. Thomé e consta que o governo cae. Surge o sr. João de Freitas á castanha e diz-se que o governo cae. Rebenta a greve ferro-viaria e murmura-se que o governo vae a baixo; dá-se a incompatiblidade do Senado e é voz corrente que o governo vae a terra!!!

Qual!?!! Aquillo não é governo...

E' o... *sempre em pé!!!*

*

Tem dado que fallar o Senado mostrar-se rebelde ao governo. Uma tia minha, velha e muito estupida disse-me que estava mesmo a ver o sr. Affonso Costa a reunir o *Congresso* e como então tinha maioria resolver *amputar* o Senado ou tapar-lhe a bôcca!

Esta minha tia estupida ás vezes sempre tem ideias que parecendo incriveis... talvez sejam verdadeiras! Pois quem sômos nós?

*

Não querendo ficar atraz do sr. Lucas que achou dignas d'um elogio senatorial as palavrinhas meigas d'aquelle comprido policia em serviço no passeio da má lingua, do Rocio, o deputado Celorico Gil vae tambem fazer o elogio parlamentar dos bons costumes portuguezes, desde a proclamação da Republica! Em vista á auzencia de palavrões e offensas á moral na via publica da parte das *mondaines* que,—escutae collegas deputados,—em desacôrdo com a sua vida facil uzando uma linguagem dificil lhe disseram defronte da Neves *adeus ó sympathico!*»

Acta das sessões parlamentares

*

Nos primeiros dias da gréve a companhia poz em circulação alguns comboios para presumir que... a greve estava furada: Fallava-se então até em horario... não se lembrando que aquillo era o *lá vem um!*

F. de T.

NOTA.—No ultimo numero idem, idem, idem do numero passado! No proximo numero a chronica. *O Parlamento tal qual se falla ou a arte de ser deputado em duas lições!*

FITAS CORRIDAS

Diz-nos um leitor, que o sr. ministro das finanças, ao passo que enriquece o thesouro publico com os «superavits», que são a admiração dos contemporaneos e hão de vir a ser no futuro uma das maiores maravilhas financeiras da historia do nosso paiz, empobrece os contribuintes, desvalorisando a propriedade rustica e urbana, que se encontra sobrecarregada demasiadamente com impostos.

Accrescenta o nosso leitor, que os «superavits» não passam de «trucs», cujo fim é lançar poeira aos olhos do publico.

Não sômos tão pessimistas como o leitor que se nos dirige. Crêmos nos «superavits», como crêmos na existencia dos astros, do mar, da terra, do ar, etc., etc. Ora, segundo o orçamento de 1913-14, as receitas augmentaram 5:568 contos e pena é que as despesas subissem 3:154 contos. Se não se désse este facto, o saldo não seria de 978 contos, mas sim de 5:568 contos.

Vê-se, pois, que não é para admirar que haja «superavits» e muito menos que os proprietarios paguem ao Estado mais do que deviam pagar, ficando muito prejudicados nos annos de má producção cerealifera. Tambem não causa admiração, que a pobresa em todo o paiz seja tão intensa, que obrigue a população a fugir ás miserias da nossa terra.

Como compensação a esse mal, temos os militares que podem exercer cargos administrativos, vencendo duplo ordenado, como nos tempos da monarchia, em prejuizo da sua instrucção profissional e por conseguinte da defesa nacional.

De resto, ninguem deve estranhar que o parlamento votasse uma lei que permitie aos officiaes do exercito o exercicio de todas as funcções civis, desde que esse parlamento é composto, como nos tempos idos, de funccionarios civis e de espada!

O paiz paga tudo e sacrifica-se, mas tem direito a que o poupem e o deixem respirar um pouco.

Não nos parece bonito que os deputados que são funccionarios publicos, votem leis que lhes aproveitam. Primeiro que tudo, todo o funccionario publico não devia poder exercer as funções de deputado. Assim é que compreendemos as democracias.

*

Os inqueritos que se fizéram com tanto afan, não produziram efeito algum e, muitos d'elles, dormem o somno dos justos sob o peso da papelada em poeirentos archivos.

Do inquerito á Casa da Moeda, *num xe xabe.* Outros, que causaram certa impressão, ao constar que se iam fazer, ninguem mais soube o que lhes succedeu.

O sr. Carneiro Moura, foi suspenso ha talvez mais de um anno, por causa de um inquerito á repartição que dirigia. Ao que nos dizem, tal inquerito nem sequer se começou!

Houve, como se vê, o proposito de atirar para a legião dos abandonados, aquelle illustre funccionario. Terá por ventura conhecimento d'este facto, o chefe do governo? Será justo que se ponham de lado, sem mais ceremonias, individuos como aquelle funccionario, cujas faculdades de trabalho e intelligencia tão uteis podem ser ao paiz?

Mas ao passo que alguns inqueritos dormem o somno dos justos, sepultados em sitios ermos e sombrios, outros vieram rapidamente á luz da publicidade.

Nos tempos da outra mulher, a imprensa republicana acusou de escandalosa a administração monarchica e até accusou o ministerio da guerra de grandes escandalos. Um jornal monarchico chegou a affirmar que na secção de fardamentos havia um grande desfalque. Apontava numeros e fez revelações sensacionaes! Veiu a republica, ninguem quiz ordenar um inquerito a todos os ministerios.

Porque? Mysterio! Mysterio!

Escreve-nos um *assiduo leitor* d'«O Zé», que tendo ido á bibliotheca consultar o regulamento das execuções fiscaes, ali não o havia e que pretendendo consultar o almanach do exercito de 1912, tambem o não havia. O ultimo que lá encontrou era o de 1910.

Acrescenta que as colecções de legislação e de jornaes mais recentes, nunca se encontram e que, quando não estão a encadernar, estão no deposito!

Chamamos a attenção d'aquelles que dirigem aquelle estabelecimento para este assumpto.

*

«O Paiz» de 21 de outubro de 1912, publica o seguinte, subordinado á epigraphe *Democracia militarista*, que vem a proposito da approvação, na camara dos deputados, do projecto de lei que auctorisa os militares a exercerem funcções administrativas civis:

«Afinal os erros de ha dois annos teem sido tantos, que muita gente diz que a Republica se distingue da monarchia, apenas pelo rotulo. Na verdade, os dirigentes dos negocios publicos desprezaram o velho programma republicano, não tendo uma orientação verdadeiramente democratica. Senão vejamos: o militarismo na republica continúa a imperar como nos tempos da monarchia. Já não ha magistrados para governadores civis e administradores: ha militares! Como nos tempos da monarchia, uma grande parte dos officiaes do exercito estão fóra do seu campo de acção, necessariamente com prejuizo da sua instrução profissional. Ora isto não é nada democratico! E' mesmo muito pouco republicano. No ultramar o militarismo, é quem governa. A França e a Inglaterra, nas suas colonias, teem uma administração civil; nós em pleno regimen republicano, continuamos a ter administração militar nas colonias e até, em grande parte, na metropole. Nos tempos da monarquia, para se ser governador civil, bastava cultivar a amisade dos ministros; hoje succede o mesmo. Os militares continuam a ter os mesmos privilegios de outros tempos ou talvez mais!

Até na administração da alfandega está encaixado um major de infantaria, teixeirista *enragé*, e, por esses ministerios, ha muitos e muitos militares, o que não é justo. Não haverá na alfandega um empregado superior que tenha competencia para substituir o referido major?!...

Dir-se-ia que fizémos a republica para contrariar o velho programma do partido republicano.»

Isto publicou um jornal democratico, que acompanhava a politica do sr. dr. Affonso Costa. Não commentamos...

Apenas accrescentamos, que até na Companhia dos Tabacos está um capitão, que ali tem feito carreira desde o posto de alferes.

O deputado sr. Urbano Rodrigues fez uma estreia parlamentar tão brilhante que causou espanto ás opposições! O chronista de «A Montanha», do Porto, mostrou os seus dotes oratorios exuberantemente e com certeza que em breve está ministro. Nem pódia deixar de ser, que espirito tão inclinado ás lutas parlamentares, se proponha a orientar-se pelo systema do requerimento, para que as materias sejam julgadas discutidas...

E' que cada minuto de discussão custa ao paiz 12 escudos. N'estes termos, os discursos longos sahem caros e ha *parola* que não vale nem um ceitil.

Mais obras e menos palavras; mais estudo e menos vaidade, meus senhores.

*

Segundo a estatistica, o anno ferro-viario no nosso paiz deu uma receita, em 1913, superior em 370 contos ao anno de 1912. Isto, não obstante as colheitas serem pessimas.

Como se vê, as emprezas ferro-viarias progridem, o que não obsta que os empregados vegetem.

Diz nos um leitor d'«O Zé», que só os grandes funcionarios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes custam cerca de 250 contos! O director ganha 15 contos e, no fim dos annos, ainda é contemplado com 4 contos; os sub-directores ganham 6 contos, sendo tambem contemplados com 3 contos.

Como se vê, a Companhia é um alfôbre de altos funccionarios havendo ali muitos parasitas. Até ali ha um advogado, altamente estipendiado, que pouco mais faz do que andar em passeios a Paris!

Queixam-se, pois, os grandes tubarões da Companhia, que esta não póde pagar mais uns patacos aos empregados! Pudéra! Se o dinheiro é pouco para os grandes comilões, que lhe sugam os recursos!

Quando foi do augmento de vencimento ultimamente feito ao pessoal, ao passo que déram um tostão a mais ao pessoal menor, alguns empregados mais altos passaram de 600 escudos a 1:200!

Não ficaria a Companhia bem dirigida, tendo apenas 5 directores a 6 contos por anno?

Os directores francezes não estão mais do que 7 ou 8 annos nos seus logares, porque no fim d'aquelle tempo, estão pôdres de ricos e regressam ao seu paiz.

Semelhante administração não é admissivel. O parasitismo é que é o peor dos males da Companhia.

Assiste, pois, aos grévistas toda a justiça quanto ás suas reclamações e hão de vencer, porque o direito e a razão está do seu lado.

*

Todas as paginas do numero 1.º dos *Fantoches* são uma critica bem feita aos homens e aos acontecimentos, que se lêem de um folego com muito agrado.

As mais suggestivas porém, são aquellas que se referem ao sr. Afionso Costa, quando preso por causa dos successos de 28 de janeiro.

O sr. Rocha Martins, transcrevendo o que o sr. Affonso Costa escreveu no carcere e commentando, com o seu espirito de analysta, o que este senhor disse, dá-nos umas paginas soberbas de um realismo e de uma verdade de flagrante actualidade.

*

Na Pensylvania, um individuo desejando suicidar-se, mas receando ir para o inferno por causa do peccado que commettia se o fizesse, encarregou outro de lhe tirar a vida, mediante 30 dollars.

Ahi fica a receita. Quem recear ir para o caldeiro do Pero Botelho, facilmente póde encontrar quem lhe faça tal favor, pagando, já se vê.

Mas serviços de tal ordem, pagam-se bem. São como aquelle que o sr. Cunha e Costa prestou a uma sua cliente, e que se pagam com muita massa ou se fazem de graça. Aquelle individuo era com certeza muito avarento! Pagar apenas 30 dollars para lhe tirarem a vida e ter a sorte de ir para o Paraizo, é trabalho que devia ser pago por 10:000 dollars, porque quem o fez está no risco de ir parar a uma fôrca! ..

Parece que vamos ter um novo partido politico, que já tem programma e está no firme proposito de substituir os afonsistas.

Quantos mais partidos se constituirem, mais desgraçado será o paiz. Os três que estão são já demais. Os chavistas... *vá de retro*...

No theatro dos Campos Elysios, em Paris, Valentine de Saint Point exhibiu-se meia núa, dansando geometricamente os seus poemas entre perfumes exoticos e recitação macabra do actor Max.

Segundo o correspondente de Paris do «Diario de Noticias», aquella linda mulher já tem feito varias conferencias em que ella, não se importando com convenções, prégra o incesto, a violação das virgens e os amores contra a natura!..

Afinal, esta magnifica creatura, desmoralisada como é, encontra adoradores e entre elles apaixonados, que são doidos pelos seus salsifrés.

As suas dansas são executadas por meio da *metachoria*. Os criticos não sabem o que significa tal palavra. Nem nós!..

A madureza d'esta bella, põe em evidencia o seu desequilibrio moral...

E' uma verdadeira—*Maria macho*! ..

Jean Jacques.

Carnet Mondain

CASAMENTO

Vae realizar-se, em breve, o casamento
Do cel'bre aereonauta Antonio Zé
Com *mam'zelle* Camacho, um ornamento
Da sociedade fina e de *filé!*

Ella é formosa e rica, é um portento
De encantos e de asseio, e diz se, até,
Que elle um poema fez, de valimento,
Inspirando-se *n'ella* e em seu *gajé!*

Vão preparar-se á *santa reinação*
Na luza patria amada, se algum dia
Costa Affonso cahir do throno abaixo...

Desejamos-lhe paz e *união*,
Muitos fructos no amor, muita alegria
E uma lua de mel de *bota abaixo!*...

L. M.

A CANTIGA

Pelo novo contracto da sempre poderosa dos electricos as zonas de 3 centavos passam a vintem pagando o passageiro mais um centavo por cada zona a seguir.»

Com as zonas encolhidas quem não estiver d'olho alerta paga um pataco para onde sempre pagou trinta réis.

COMO OS COMBOIOS TEEM CIRCULADO

Só para isto é que elles servem!

Fitas que passam

Salomão Jorge Trindade

A morte!

O maravilhoso e o mysterio, o sonho e a esperança, crenças e illusões, a vida confusa, a amargura e a fraqueza, o odio que deprime e o amor que dulcifica, tudo acaba ali.

Para nunca mais!

Um relancear de olhos, a agonia lenta ou desesperada, uma dôr que se consome, o sangue que circula n'uma sensação unica é logo paralysa, um frémito, um instante, um murmurio, e morre-se.

E para onde vão os mortos? Os queridos entes que foram a nossa vida inteira, que sorriram e choraram com as nossas lagrimas e o nosso riso, e que partem levando os pedaços do nosso coração, que foi d'elles e para elles viveu?

Para onde vão os nossos amigos, aquelles que dedicámos os nossos affectos? Os nossos filhos, a nossa familia? Morreram ou existem ainda em uma vida que nos é desconhecida? Jazem na sepultura que a terra torna raza, ou partiram para além? para o *depois*, esse depois da morte, mysterioso, em que se encerram as nossas esperanças, em que os mortos se separam d'este existir, para ficarem como a recordação eterna, longe de nós, impedir-nos o esquecimento, a indicar-nos que não é tempo de quebrar-se o laço que ficou unindo a elles, por uma saudade, o nosso tormento.

Sim, para o Depois!

E esse depois é o ignorado, é ali que vamos procurar, seguindo o pensamento que uma fatalidade tornou em tristeza, a imagem de alguem excessivamente querido, cruelmente arrebatado dos braços de quem o adorava.

E é junto a um tumulo que nos encontramos, esperando vêr surgir esse alguem, como se um sonho fosse a vida, e como se a vida lhe voltasse, imagem que ficou em nós, corpo que na campa se abrigou, envolto na mortalha que é o derradeiro preito, é com as nossas lagrimas da saudade infinita.

E não volta, não! Que nós bem o adivinhamos quando, primeiro, o dobre dos sinos nos indica que vae a sepultar-se um corpo, e quando, por ultimo, quedamos a face a esse tumulo frio, terrivel!

Os mortos não voltam, não! Não... que bem o sabe a mãe, quando, enloucada e chorosa, beija os labios rôxos do filho, perdido para o seu affecto. Que bem o sabemos nós, ante a realidade que nos leva a mãe, o irmão, o consolo supremo da nossa estremecida ventura, ou ainda quando visitamos a campa raza e humilde, e ali ajoelhamos, trémulos, entristecidos, deixando cahir sobre a terra uma lagrima, as folhas de uma rosa!

Para onde vão os mortos?

Pesames.

A Antonio Arthur Trindade, sargento do deposito do ultramar, a sua esposa D. Cecilia e a sua irmã Herminia, os meus sentidos pezames bem como á mãe do infortunado Salomão.

Silva Parracho.

O HOMERO

— «Homero, grão Sherlock luzitano,
Varão policial assignalado,
Teu 'sforço «heroico, nobre e sobrehumano»
Resôa aos quatro ventos afamado» . —

Assim cantava o *Mundo* em tom ufano
Inda ha bem pouco, alegre e regalado..
Mas, afinal, sabiste um bom magano
Deixando o *Mundo* todo apalermado!...

— E's um *Heroe* (¹) tambem, meu rico Homero,
Bem digno de alinhar-se *aos do Coupé* ¹)
E a quantos, para ahi, «São da Rotunda»...

Eu tenho esp'rança de te vêr até,
Em 'statua d'oiro, um dia, altivo e féro,
N'algum largo da *Invicta* tão jocunda!...
— Pois cumi é?!...

L. M.

(¹) *O tal... O «44»*. Não se lembram?

Coliseu dos Recreios

A corrida de dois automoveis no espaço é o trabalho mais emocionante que se tem feito em Lisboa. Jamais se viu prova de tanta audacia. Jamais a temeridade veiu excedida. Todo o publico que tem apreciado esse verdadeiro prodigio tece justos louvores á empreza que conseguiu apresentar em Lisboa esse trabalho que é disputado pelos melhores circulos do mundo.

Aos 24 retratos

da Photographia OLIVEIRA-Estefania

Soberbo! Em cada typica figura
a beleza, que em nós é galhardia!
Do Silva a penca enorme e luzidia,
um mastro onde a cabeça se segura.

No Cruz nem se conhece a pelle escura...
tão lavada se encontra a frontaria!
O Pedro Joyce um mimo! Inda outro dia
era entre nós, ingenua creatura.

e agora surge *encantador... jovial!*
Tambem domina, alegre e chocarreira,
a cara *deslavada* e original

do Almeida que, nas mãos d'este Oliveira,
não consegue fallar, nem dizer mal,
visto o papel... não consentir asneiras!

André Deed.

O'messa...

O sr. Faustino da Fonseca, pelos modos não está filiado nos evolucionistas. Pelas suas declarações, parece que está filiado na Biblioteca Nacional, onde entrou pela mão do sr. dr. Antonio José d'Almeida.

O mesmo sucedeu com o sr. Agostinho Fortes, na sua entrada como professor da Universidade de Lisboa...

Carnêt d'um maduro

O boato

—O' compadre, você já sabe? Dizem ahi á boca calada que o governo, acaba d'enviar um ultimatum á Allemanha, intimando-a a ceder-nos as suas colonias no prazo de 54 minutos. Se não nos obedecerem, enviaremos a nossa esquadra para a bahia de Lagos, e d'ahi mesmo, para evitar despezas, bombardearemos, primeiro Berlim, depois a Allemanha toda.

—E depois, e depois? pergunta o outro cheio de curiozidade.

—Se vencermos, é claro que o nosso poderio colonial aumentará consideravelmente, se perdermos, o que não é provavel, o governo tenciona mandar as Escolas de Lisboa cantar o hyno da Restauração para a Rotunda.

—O' homem, mas onde conseguiste saber isso tudo?

—Disseram-me ali á esquina. Parece que há umas certas imposições da parte das mulas de artilharia 1, que se recuzam a tomar parte no combate, por terem ideias anti-militaristas.

—E' espantôzo! diz o outro de boca aberta e olhos esbugalhados.

—Tambem me afirmaram que o ministro da guerra tinha pedido ao padre Himalaya para inventar uns soldados mecanicos, movidos por meio de telegrafia sem fios, para vomitarem pela boca hymalaite sob forma de balas blindadas.

«Esses soldados serão transportados pelos nossos aeroplanos a Berlim, a fim de os collocar nas torres das egrejas berlinenses.

Uma vez ahi, começarão a vomitar metralha sobre os seus habitantes que serão dezimados em 25 minutos; primeiro as mulheres, depois os homens, e no fim as creanças que sejam orfãs de pae e mãe.

—Fazes-me arrepiar os cabellos, compadre! diz o paciente que por sinal é careca.

—Contaram-me ali á esquina, mas debaixo do maior segredo, toma muita cautela.

—Fica descançado, compadre, vae com Deus.

—Adeus, adeus, vou contar isto ao meu tendeiro que se interessa muito pela politica. Boa tarde!

E a patranha inventada pelo compadre Boato, lá vae correndo seguindo o seu destino, até ao outro dia em que os jornaes publicam a seguinte nota na 1.ª pagina:

«São absolutamente falsos os boatos que ontem á tarde correram em Lisboa sobre um rompimento iminente de relações entre Portugal e outro paiz.

As nossas relações são excellentes com todos os estados europeus.

Sexta-feira ha recepção no ministerio dos estrangeiros».

Pevide sem Felix

Contradições

Os rapazes que por aí andaram a dar vivas ao sr. Afonso Costa, depois de serem coletados para pagar decima de industria, emudeceram. Nada melhor para pagar entusiasmos do que um duche traduzido por um talão que os obriga a pagar ao Estado uma verba injustificada.

CANTAI!...

Moçôilas da minha aldeia,
Loirinhas como as espigas:
Cantai-me dóces cantigas
Que o vosso cantár me enleia!...

Cantai rolinhas em côro
Cantai meigas lavadeiras
Cantigas tristes, qual chôro
Gemendo pelas ribeiras!...

Moçoilas do meu paiz
Que os trovadôres encanta,
Cantai, que um Pôvo que canta
E' um Pôvo bom e feliz!...

Porto.

Salvaterra Junior

Que susto, crédo!

Uma mulherzinha apresentou se na estação da Avenida, toda assustada, alegando que lhe havia parado o coração!

O remedio, é simples minha senhora... Dê-lhe corda...

Julio Dumont "Orlando"

D'este nosso collega da redacção recebemos uma carta, em que nos diz não continuar a collaborar n'*O Zé* por não concordar com a sua atitude.

Sentimos devéras o afastamento d'aquelle collega, tanto mais que sempre o tivemos na conta d'um espirito lucido e bastante intelligente

Pena é que Julio Dumont, conforme diz na sua carta, siga homens e não idéas.

O Zé, sem se afastar jamais da linha que no tempo da ominosa o seu antecessôr *O Xuão* traçou, continuará escalpelando todos os actos que os politicos de qualquer feição pratiquem, que não estejam em harmonia com o programma do velho Partido Republicano.

Sempre coherentes com o nosso passado, não olhamos para homens e unicamente temos em mira a felicidade do povo, o bem estar da Republica e as prosperidades da Patria que não se poderão conseguir, com sorrisos ironicos, nem com violencias, nem ainda com fugas vergonhosas do parlamento.

O sr. Dumont diz na sua carta *que é muito humilde mas sincero partidario do sr. Afonso Costa*; isto e, adora o sr. Affonso Costa; está no seu plenissimo direito; nós somos unicamente republicanos, e por isso não estamos dispostos a adorar homens, mas sim a trabalhar na medida das nossas forças para que esses idolos desappareçam, a fim de se restabelecer o socego do paiz e a Republica poder então caminhar pela estrada do Progresso, onde de ha muito já poderia estar, se não existissem tantas creaturas fétichistas.

FERROADAS

A 8 de Janeiro de 1450, uma bulla (ou burla ?) do Pápa Nicolau V. concedia a Portugal os terrenos descobertos pelos portuguezes, sob a direcção do infante D. Henrique.

Muito generosos eram os Pápas, e muito burros os papádos...

*

Os reaccionarios não desistem.

Agora querem alisar 14 heroes, dos seus, da policia civica.

Ahi, valentes!

*

O sr. Antonio José do Sarmento Monteiro agronomo da provincia de Angola, requereu a sua aposentação.

Lendo-se isto, fica-se fazendo ideia de que em Angola se deve saber bastante do que é preciso para os progressos da agricultura, não é assim? Pois fiquem sabendo que os pretos do ultramar portuguez nem batatas sabem cultivar.

*

Foi encarregado de dirigir os trabalhos das estradas que se estão construindo na Lunda, o engenheiro sr. Mello Ribeiro.

Ha alguns annos, para se construir estradas em Africa, bastavam pretos e ferramentas para cortar arvores.

Agora é mais caro, mas é outro asseio, salve quando ficam peor do que estavam.

*

O sr. José de Magalhães assigna um magnifico artigo d'«A Lucta» de 12 do corrente que pedimos venia para d'elle transcrever o final deixando aos espiritos esclarecidos, que ponham as carapuças nas cabeças correspondentes.

«Por seu lado, as preseguições, as expulsões, os carceres, as fogueiras e a força, *depuraram* a nação dos espiritos mais independentes, das intelligencias mais audazes, das consciencias mais integras que os senhores do momento não souberam assimilar nem utilizar.

Fez-se assim, durante seculos, uma selecção regressiva: os melhores, os mais nobres, excepções áparte, ou não se reproduziam, ou iam reproduzir-se para fóra do paiz; encontravam, pelo contrario, as maiores facilidades para procrear, os menos intelligentes, os menos corajosos, os mais malandros, os mais servis.

Isto explica muita coisa que parece inexplicavel.

Abelha Mestra.

Carta aberta

Meu Sabino, este mofino
do frio se se safasse,
covinha-te mais, Sabino,
e ao teu **Chiado Terrasse!**

K. K. To.

E' justo!

A estreia parlamentar do sr. Urbano Rodrigues, vae, segundo consta, ser publicado por conta do Estado e afixada em todas as vilas e aldeias do pais.

O "Zé" no theatro

Republica—D. Francisco Manuel.
Polytheama—O Toureador.
Trindade—A Grã-Duqueza.
Gymnasio—Sociedade onde a gente se aborrece.
Avenida—Maridos Alegres.
Colyseu—Espectaculo variado.
Rua dos Condes—Pathé-Jogral.

Animatógrafos

Infantil (Arco Bandeira)—Bocacio na rua—Variedades.
Chiado Terrasse—«Films darte» e concerto Caggiani.
Olimpia—Novidades animatograficas—Concertos pelo septimino.
Quintas-feiras—Matinée-rose ás 15 horas.
Salão da Trindade.—Animatógrafo.
Salão Loreto.—Animatógrafo—Fitas fadadas.
Central.—Animatógrafo e concerto.
Salão dos Anjos.—Na Mala (revista).

POBRE VÉLHOTE!

Se elle fosse mais novo, não brincavas tu?!